

UFAL. Professores e técnicos administrativos paralisam as atividades por tempo indeterminado

Greve penaliza alunos e para HU

Categoria reivindica aumento salarial e melhores condições de trabalho, além de protestar contra a redução do orçamento do Ministério da Educação

MAIKEL MARQUES
REPÓRTER

O movimento paredista deflagrado pelos 1.394 professores e pelos 3.000 técnicos administrativos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em resposta ao corte de recursos federais e à indefinição quanto à proposta de reajuste salarial, deve penalizar, por tempo indeterminado, quase 30 mil acadêmicos.

“A professora apareceu em sala de aula, reuniu a turma e justificou por que não haveria aula. Infelizmente, a paralisação prejudica a conclusão do semestre. A gente deveria encerrar as atividades no final de junho. Agora, temos uma indefinição”, comentou Carlos Inácio dos Santos, 28, do 7º período de Psicologia.

Além dele, centenas de alunos circulavam pelo Campus A. C. Simões, ontem cedo, quando do início do movimento grevista deflagrado na última segunda-feira, 25, em assembleia da qual fizeram

parte 179 professores. Daqueles, 116 disseram sim à greve, 47 disseram não e dois se abstiveram.

Embora apenas 12,84% do total de professores tenha ido à assembleia, havia quórum suficiente para a confirmação da greve, motivada pela necessidade de reestruturação da carreira, valorização salarial de servidores ativos e pensionistas, além da defesa de melhores condições de trabalho e autonomia acadêmica.

“O governo apresentou tabelas e mais tabelas que, na prática, resultaram no aprofundamento da desestruturação da carreira. Por isso, o Sindicato Nacional não assinou o acordo pro-

posto”, explicou o professor Márcio Barbosa, atual presidente da Associação dos Docentes da Ufal (Adufal).

A tão sonhada implantação, pelo governo federal, de uma data-base para que haja o compromisso de reajustar salários anualmente, afirma o professor José Vicente Ferreira Neto, não é o principal motivo da greve. “A redução do orçamento do Ministério da Educação trará reflexos negativos às finanças da Ufal”, avalia.

Coordenador do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (Igdema), Vicente atenta para a possibilidade de redução ou corte do orçamento destinado aos bolsistas. “Aqui temos 38 bolsistas que dependem da ajuda mensal de R\$ 400,00 para frequentar a universidade”, exemplifica.

Numa possível redução de despesa, esta prestes a ser concretizada por causa da redução em R\$ 9,6 bilhões no orçamento do Ministério da Educação (MEC), diversos segmentos da instituição, nos campi de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia, podem ser afetados a partir do próximo mês.

A Ufal projetava cresci-



Estudantes se sentem prejudicados com a greve, deflagrada a poucos dias do fim do primeiro semestre

mento de 14% em seu orçamento. Obras importantes e programas de assistência aos acadêmicos podem parar. “Não podemos prescindir da continuidade dos projetos de expansão universitária”, explica Anderson de Barros, professor da Faculdade de Administração e Contabilidade.

A representante dos técnicos administrativos, servidora Nadja Lopes, reforça a cobrança da categoria pela implantação da data-base, algo inexistente no serviço público federal, e de reajuste de 27,3%. “O percentual foi decidido em

assembleia nacional da categoria”, afirma a técnica administrativa.

Dos 3.000 técnicos administrativos, 2.800 estão filiados ao Sindicato dos Trabalhadores de Educação Superior de Alagoas (Sintufal). “Quando a gente para as atividades, tudo deixa de ser feito em todos os campi. Nem pagamento à construtora a universidade consegue fazer”, exemplifica Nadja Lopes.

A exceção à regra da paralisação geral seria o setor de nefrologia do Hospital Universitário (HU), onde os técnicos administra-

tivos prometem, de acordo com a direção do Sintufal, manter os serviços normalmente, sob pena de prejudicar quem depende do serviço de hemodiálise para sobreviver.

“Falta pouco mais de um mês para acabar o semestre. Agora, não temos mais previsão de quando isso será resolvido”, observou Jéssica Tainá Simões, 19, acadêmica de Psicologia. Professores e servidores reuniram-se, ontem, em assembleias para deliberar sobre as mobilizações públicas de agora em diante. ☺

;

Consequência

Quase 30 mil alunos dos campi da capital e do interior ficam sem aulas; no Hospital Universitário, apenas o setor de nefrologia seguirá funcionando normalmente